

REMÍGIO KNEIP NAS PÁGINAS DO DIÁRIO

Os anúncios do *Diario de Pernambuco* foram utilizados pioneiramente por Gilberto Freyre como fontes para, a história social do Nordeste, em conferência pronunciada em 1934 na Sociedade Filipe d'Oliveira (*Lanterna Verde* n2 2). Auxiliei-o então a coligir esses anúncios. Esse meu primeiro exame do jornal recifense manteve constante em mim o propósito de tomar a consultá-lo. Convivi depois com Francisco Caeté, na Biblioteca Pública, leitor constante deste e de outros jornais brasileiros e Pernambucanos do século passado, e as referências que a respeito me transmitia - e a quantos o procuravam - aguçaram em mim o desejo de voltar às páginas do *Diario*. Finalmente pude fazê-lo com vagar, recolhendo informações sobre variados aspectos da história econômica e social do Nordeste e de Pernambuco de cujo trabalho a edição de textos selecionados, que será publicada em comemoração ao sesquicentenário do jornal, dará uma idéia exata; os anúncios mereceram também, nessa pesquisa, a minha atenção. Pude comprovar como eram realmente ricos de informação e úteis como fontes históricas, quando usados com a necessária cautela.

em .

Com base nessa documentação do *Diario* pude revelar, tem artigos diversos, informações sobre um tema que há muito tem merecido a minha atenção: a arte da marcenaria e o mobiliário em Pernambuco. Pereira da Costa, que a respeito escreveu um artigo na *Revista do Instituto Arqueológico* em 1900, menciona três marceneiros estabelecidos no Recife no século XIX, todos franceses, errando porém no nome do principal deles, Julião Béranger (não Francisco Manuel, como escreveu, nome do filho, também marceneiro). Foi nos anúncios do *Diario* que encontrei a fonte mais rica de informações a respeito do assunto e neles pude conhecer a existência e o renome de um desses artistas, de quem os estudiosos da arte haviam perdido por completo a memória: refiro-me ao alemão Remígio Kneip, sogro de outro não menos famoso fabricante de móveis no Recife, que foi Guilherme Spieler. Um móvel saído das oficinas de Remígio Kneip - era geralmente conhecido pelo nome de batismo merecia - sempre referência especial nos anúncios do século passado. "Obra do Remigio", "obra do afamado Remigio", obra do "grande artista Remígio" era indicação que valorizava de pronto um móvel à venda. Esses anúncios mencionam móveis de amarelo, de jacarandá e até de mogno, fabricados por ele: aparadores, guarda-roupas, cômodas e meias-cômodas, guarda-louças, *toilettes*, santuários, camas, mesas elásticas, e mobílias de sala de visita e de jantar. Alguns desses anúncios informam que certos móveis à venda "se tomam recomendáveis não só pela bela conservação, como por serem obra do Sr. Remigio" (D.P. 16.III.1880) e que "as peças têm mais a vantagem de ser tudo obra do grande artista Remigio" (D.P. 28.V.1885). Em notícia editorial o *Diario* de 21.IX.1887 recorda que Kneip foi "um dos industriais que mais fama adquiriu entre nós pelos seus produtos' de marcenaria".

Acontece que este notável mestre marceneiro estava inteiramente esquecido dos estudiosos da história do mobiliário entre nós e o seu nome pôde ser lembrado graças a notícias e sobretudo aos anúncios do *Diario de Pernambuco*. O tão famoso Julião Béranger (1789-1853), a quem se atribui o estilo de móveis a Luís Filipe, chamado "Pernambucano" ou "Béranger", nunca encontrou no seu tempo divulgação do seu nome da maneira como ocorreu com o de Kneip. Era este natural da Prússia, onde nasceu por volta de 1810, filho de Pedro e Ana Kneip. Alguns Kneip haviam emigrado para o Brasil em 1829, tendo, por circunstâncias fortuitas, desembarcado no Recife, onde foram estabelecidos, com outros, na colônia da Cova da Onça ou

de Santa Amélia. João e Catarina Kneip, ele marceneiro, estão entre esses colonos e podem ser parentes de Remígio ou talvez o tenham induzido a vir estabelecer-se no Recife. Mera suposição, é certo. O que se sabe com segurança é que Remígio já estava no Recife em 1840, onde, nesse ano, casa na matriz do Corpo Santo com Ana Maria Kraemer, ela de uma das famílias de colonos de Santa Amélia, nascida em 1820 na Alemanha.

Em 1845 Kneip deixou de trabalhar com o marceneiro suíço João Batista Herbster (falecido em 1848), abrindo pouco depois (pelo menos desde 1849) sua própria oficina, na Travessa dos Ferreiros, no bairro da Boa Vista. Em anúncio no *Diario* de 26.XI.1856 o "mestre marceneiro" Remígio Kneip comunicava ao "respeitável público" e aos "senhores de bom gosto" que fabricava na sua oficina - já então melhor situada no Aterro da Boa Vista n 23 - além de móveis, "excelente e a mais moderna escadaria redonda de qualquer tamanho e executada com a maior delicadeza e perícia d'arte", trabalho este, de fabricar escadas de caracol, de que parece ter sido ele um dos iniciadores no Recife, embora não fosse novidade, pois que há referência a que no tempo dos flamengos já aqui eram fabricadas ("wentel trap"). Kneip prosperou rapidamente, pois há notícia no *Diario* de 26.VIII.1857 de que ele havia contratado auxiliares na Alemanha: "alguns artistas alemães que têm vindo para a oficina do Sr. Remígio Kneip" foram vítimas da febre amarela, dois dos quais faleceram.

Em 1872 teve ele o seu renome firmado em definitivo, com a "menção honrosa" que alcançou na Exposição Provincial de Pernambuco, na qual expôs dois consolos e um toucador de jacarandá. O relatório oficial da Exposição menciona que Remígio era "um dos mais hábeis fabricantes de móveis desta cidade, proprietário de grandes oficinas regularmente montadas" (D.P. de 21.II.1873). Na Exposição Provincial de 1875 obteve medalha de prata "pelos seus trabalhos de marcenaria" (D.P. de 15.XII.1875). Esses dois títulos deram projeção ao seu nome no Recife e, desde então, passaram a ser freqüentes as referências a móveis por ele fabricados.

Consta ainda que trabalho seu foi a balaustrada de jacarandá do recinto da Assembléia Legislativa Provincial (D. P. 27.VII e 12.XII.1874), tendo também contratado o assentamento do assoalho de xadrez do pavimento térreo da mesma Assembléia (D. P. 26.IX.1875).

O seu falecimento ocorreu no Recife a 3 de novembro de 1875; no obituário publicado no *Diario* do dia 8 seguinte, estava indicado que era ele natural da Prússia, contava 65 anos de idade e que a morte fora causada por "bronquite capilar". Deixou do casamento com Ana Maria Kraemer duas filhas: Ana Joana (nascida em 1845), que casou em 1859 com Guilherme Sander e, em segundas núpcias com João da Silveira Carneiro da Cunha e Carolina Luísa, nascida em 1848, que casou em 7 de dezembro de 1864 com Guilherme Spieler. A viúva faleceu em 20 de setembro de 1887, tendo sua morte merecido referência na "Revista Diaria" do *Diario* do dia seguinte.

Guilherme Spieler, filho de Daniel e Luisa Spieler, nascido na Alemanha em 1833, chegou ao Recife em 1860 e casou quatro anos depois com a filha de mestre Remígio, como ficou indicado. Faleceu em 20 de novembro de 1904, estando sepultado no Cemitério de Santo Amaro, em túmulo que ainda se conserva. O *Diario de Pernambuco* ao noticiar a morte do "conceituado artista alemão" refere que o mesmo estabeleceu aqui "uma grande marcenaria, dotada com os devidos aperfeiçoamentos, sendo primorosos todos os trabalhos nela executados".

Como se vê o *Diario* é fonte fundamental para o estudo da história das artes e do artesanato pernambucano, como aliás para a história social em geral.